

ADAPTAÇÕES, RELEITURAS E REESCRITURAS DE CLÁSSICOS LITERÁRIOS BRASILEIROS

Alba Regina Azevedo Arana, Fernanda dos Santos Lorenti, Gustavo Gasque Albano, Tamara da Silva Ferreira

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE. Curso de Letras: Português/Inglês, Presidente Prudente – SP. E-mail: nandalorenti@hotmail.com

RESUMO

Nesse artigo buscamos discutir a importância dos clássicos literários brasileiros e suas releituras, buscando mostrar que todo tipo de leitura é válida desde que a mesma seja feita de maneira consciente e efetiva. Por meio de autores, encontramos opiniões que são de grande relevância a cerca do assunto, onde em sua maioria, os autores convergem com nossa opinião de que ler adaptações não é algo ruim, mas sim uma boa introdução para que futuramente o aluno possa ter uma base para ler o clássico em sua real forma e originalidade. Contudo, verificou-se que a leitura dos textos adaptados não substitui a leitura da obra em sua verdadeira forma, porém, adaptações são apenas um auxílio para um melhor entendimento da obra. **Palavras-chave:** Leitura, Obras Literárias, Adaptações Literárias.

ADJUSTMENTS, REINTERPRETATIONS AND REWRITINGS LITERARY CLASSICS OF BRAZILIAN

ABSTRACT

In this article we discuss the importance of Brazilian literary classics and their reinterpretations, seeking to show that every type of reading is valid provided it is done consciously and effectively. Through authors found that opinions are of great importance about the subject, which in most cases, the authors agree with our view that read adaptations is not a bad thing, but a good introduction to that future students can have a basis to read the classic in its actual form and originality. However, it was found that the reading of texts adapted not a substitute for reading the book in its true form, however, adaptations are just an aid to a better understanding of the work.

Keywords: Reading, Literary, Literary Adaptations.

INTRODUÇÃO

O termo “adaptação” tende a ser compreendido como o recurso que permite uma série de modificações que geralmente não têm os aspectos da tradução. Ao adaptador seria atribuída maior liberdade, uma vez que há uma disposição a se considerar a adaptação sob o ponto de vista da intenção comunicativa e do receptor, ao passo que, na tradução, uma linguagem mais objetiva e mais centrada no texto de origem é o que importa.

Houaiss (2001), dicionário da Língua Portuguesa, define o termo adaptação:

Adaptação: [...] transposição de uma obra literária para outro gênero [...] ato ou efeito de converter uma obra escrita em outra forma de apresentação, mantendo-se o gênero artístico da obra original e o meio de comunicação através do qual a obra é apresentada. (HOUAISS, 2001, p.78).

Sendo assim, o ato de reescrever uma obra literária está diretamente ligado à concepção de traduzir e adaptar. Mas o que se entende por reescritura? Resposta objetiva não se atinge, pois a subjetividade está intrínseca em seu conceito. A reescritura pode ser encarada como a arte de recriar, pois tanto a adaptação quanto a tradução, permitem a criatividade e a expressão de seus adaptadores/tradutores condizentes. Porém, essa criatividade e liberdade de “expressão” devem ser limitadas à fidelidade à obra e seu texto original, respeitando a ideia original do autor, sem nublar a real intenção do texto. Segundo Amorim (2005, p. 30), o conceito de fidelidade “[...] situa-se, inevitavelmente, na relação entre ideologia e concepção poética.”

Contudo, existem casos onde a adaptação/reescritura não respeitam a originalidade do texto e o contexto histórico no qual o mesmo está inserido. Isso acontece, entretanto, com o objetivo de “alcançar” um maior número de entendedores da obra, diminuindo, com isso, a gama de conhecimentos únicos que só os leitores da obra “traduzida corretamente” adquirem.

Portanto, nos resta a dúvida sobre o real valor que as “adaptações fáceis” de obras literárias têm a oferecer aos leitores que as escolhem como opção de leitura.

O artista cria o texto de forma que ele se abra a várias interpretações e sentidos. O uso poético e emotivo da palavra vai além de sua significação básica e permite ao leitor descobrir novos caminhos para entender a mensagem. Ai reside toda força da literatura: em sua capacidade de instigar o leitor a desafiá-la, como em um jogo. (CASTRO, 1993, p.58).

O autor, visando um melhor aproveitamento do conteúdo do livro, busca deixar sua linguagem mais rebuscada, e com traços característicos de sua época, sendo assim, a leitura de sua obra em sua mais pura essência, só tem a agregar a quem o lê, diferentemente das adaptações/releituras que buscam facilitar o entendimento, deixando assim, a obra sem a sua

verdadeira identidade, colocando isso em questão, fica evidente que quem lê apenas adaptações tem um prévio conhecimento da obra, porém, perde o melhor e mais importante que a mesma contém que são os valores e méritos que conseguem ser evidenciados apenas na obra original.

Este trabalho propõe uma discussão acerca da importância de adaptações literárias para o desenvolvimento cognitivo e literário do aluno.

Além disso, esse artigo evidenciará a importância de introduzir o aluno na leitura de clássicos primeiramente através da adaptação, para que no futuro o aluno possa ter um melhor aproveitamento da obra em na íntegra.

Os métodos utilizados para o processo de elaboração desse artigo foram todos embasados em referências bibliográficas, nos quais, foram constatados autores que concordam e discordam em diferentes pontos de vista, porém ficou claro que todos os autores ao tratarem desse tema tão recente, visam, em sua maioria, o melhor desenvolvimento da leitura do aluno.

Adaptar obras literárias contribui para o enriquecimento cultural do aluno?

Ignorar a produção moderna dos clássicos é praticamente impossível, com todos os avanços tecnológicos e culturais existentes, sabe-se que todos esses avanços acabam por serem implantados nos métodos utilizados para o melhor rendimento do aluno, sendo que todos esses avanços contribuem de maneira concreta para o aprendizado do aluno, o mesmo está começando a ser questionado sobre as obras literárias adaptadas e facilitadas, já que os alunos não têm muito interesse em ler, os professores visando o melhor rendimento, acabam por buscarem suporte em obras literárias mais facilitadas, tanto para ter mais aceitação dos alunos quanto para que a aula possa ser prosseguida com os alunos tendo no mínimo um conhecimento superficial de obras famosas.

Cabe ao professor dar esse “meio acesso” visando um melhor aproveitamento da aula, porém o professor no futuro deve tentar voltar às obras, mas de uma maneira agora efetiva, mostrando os clássicos em sua real essência, buscando evidenciar aos seus alunos os pontos positivos em se ler o clássico em sua forma original, deixando evidente que quanto mais próximo do original, mais coisas poderão ser agregadas e aprendidas com o mesmo.

Formar sujeitos sociais, leitores da realidade em que se inserem e capazes de usar a leitura como instrumento indispensável à sua participação na construção do mundo histórico e cultural, implica garantir uma ação educacional voltada para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno da sua capacidade de interpretar construções simbólicas, de modo que este se torne capaz de ler e pronunciar o mundo. (FREIRE, 1982, pg.60)

É nítido que toda forma de leitura é considerada válida para a aprendizagem e desenvolvimento social e cognitivo do leitor. Porém, é importante ressaltar que para a leitura ser proveitosa e não superficial, é essencial que o leitor saiba selecionar o que é válido para o seu desenvolvimento como leitor e, conseqüentemente, amadurecer suas leituras.

Com isso, a leitura e o entendimento de clássicos literários se fazem crucial para que o leitor desenvolva uma cognição de mundo com fundamento em suas leituras e suas experiências de vida. Segundo Calvino (1999, p.11) “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” e ele completa “toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira”. Então, a leitura de clássicos nos oferece a oportunidade de crescermos como leitores e desenvolver nossos pensamentos críticos estando, assim, em constante mutação e aprendizado, já que um clássico muda de forma toda vez que é lido.

O clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber), mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que da muita satisfação, como sempre da a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência (...). Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos. Naturalmente isso ocorre quando um clássico “funciona” como tal, isto é, estabelece uma relação pessoal com quem o lê (CALVINO 1999, p. 12).

Em virtude disto, muitas adaptações/reescrituras de clássicos da literatura são feitas visando o aumento de leitores e o alcance do conhecimento prévio e, por muitas vezes, superficial da obra clássica. Em resultado, os leitores/alunos se beneficiam das adaptações quando o mesmo ainda não tem maturidade e vivência o suficiente para que um clássico literário em sua forma integral, o possa integrar conhecimentos efetivos e primordiais.

Devemos ressaltar, porém, que o aluno/leitor não deve estacionar suas leituras apenas nas adaptações ou reescrituras dos clássicos literários, pois as mesmas unicamente os dão uma introdução e uma pincelada sobre o que clássico é em resumo. E, ainda que as adaptações tragam algum benefício para os alunos/leitores, ainda são insuficientes para o conhecimento amplo de mundo, contexto histórico e cultural que só os clássicos em sua essência trazem.

O dia de hoje pode ser banal e mortificante, mas é sempre um ponto em que nos situamos para olhar para frente ou para trás. Para poder ler os clássicos, temos de definir “de onde” eles estão sendo lidos, caso contrário tanto o livro quanto o leitor se perdem numa nuvem atemporal. Assim, o rendimento máximo da leitura dos clássicos advem para aquele que sabe alterná-la com a leitura de atualidades numa sabia dosagem. E isso não presume necessariamente uma equilibrada calma interior: pode ser também o fruto de um nervosismo

impaciente, de uma insatisfação trepidante. Talvez o ideal fosse capturar a atualidade como o rumor do lado de fora da janela, que nos adverte dos engarrafamentos do trânsito e das mudanças do tempo, enquanto acompanhamos os discursos dos clássicos, que soa claro e articulado no interior da casa. Mas já é suficiente que a maioria perceba a presença dos clássicos como um reboar distante, fora do espaço invadido pelas atualidades como pela televisão a todo volume. Acrescentamos então: é clássico aquilo que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir desse barulho de fundo. *É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível* (CALVINO, 1999, p. 14/15, grifo do autor).

Por mais importante que a leitura de um clássico seja, deve-se levar em consideração, a idade e maturidade mental do aluno/leitor. O clássico só será aproveitado em sua essência, quando o leitor/aluno o ler com sensatez. Enquanto essa maturidade não se faz presente, as adaptações o inserem, mesmo que de forma vaga, no “mundo” que está exposto na obra clássica.

(...) ler pela primeira vez um grande livro na idade madura é um prazer extraordinário: diferente (mas não se pode dizer maior ou menor) se comparado a uma leitura da juventude. A juventude comunica ao ato de ler como a qualquer outra experiência um sabor e uma importância particulares; ao passo que na maturidade apreciam-se (deveriam ser apreciados) muitos detalhes, níveis e significados a mais (CALVINO, 1999, p10)

Um acesso incompleto através das adaptações ou nenhum acesso?

Muito se sabe que adaptações/reescrituras “inadequadas” de clássicos da literatura permitem um maior número de leitores por conter, mas não em sua essência, uma linguagem coloquial, que elimina dúvidas sobre o vocabulário do autor e exclui qualquer discussão a cerca do que o autor disse e o que ele quis dizer em suas entrelinhas.

Por muitas vezes, os clássicos da literatura foram reconhecidos pelo contexto histórico onde o autor se encontrava quando o livro foi escrito. Ignorar esses aspectos é desmerecer a obra em sua dimensão histórica e social e, desprezar a identidade do autor que é evidente no texto, torna a leitura rasa e superficial.

Devemos reconhecer, entretanto, que as boas adaptações, nas quais respeitam a identidade do autor e intertextualizam com o texto original, são de bom aproveitamento para um primeiro contato com a obra em questão. Não esquecendo que a leitura de clássicos adaptados/reescritos não substitui a leitura do clássico em sua originalidade.

Os irmãos Lamb (1964 apud CARVALHO, 2006) defendem que a adaptação não substitui a obra original, mas sim propicia um contato primário. Em 1986, adaptaram as peças teatrais de William Shakespeare, a pedido de um editor, transformando-as em contos.

O que esses contos representarem para os jovens leitores, e muito mais ainda, é o que desejamos sejam para eles, na idade adulta, as verdadeiras peças de Shakespeare: que lhes enriqueçam a fantasia, fortaleçam a virtude, deles afastem todos os pensamentos egoístas e mercenários e lhes façam ver o que há de mais delicado e nobre em pensamentos e ações; que lhes ensinem cortesia, benignidade, generosidade, humanidade, pois de tais virtudes estão cheias as suas páginas. (LAMB, LAMB, 1964, p.05 *apud* CARVALHO, 2006, p.02)

Deve-se ficar claro que as adaptações são apenas uma pequena introdução para os alunos, o papel do professor é instigar o aluno com uma história facilitada e logo depois de obter o resultado planejado, que é a curiosidade instigada, o mesmo deve apresentar ao aluno a obra em sua forma original, tanto para mostrar a riqueza de detalhes que a obra contém comparada à adaptação, quanto para mostrar que se lida corretamente e sem preconceitos, a obra original só tem a acrescentar psicologicamente e socialmente ao aluno.

Adaptações de clássicos para o dia de hoje? Uma discussão

Como já foi dito, as adaptações dos clássicos literários não servem apenas para substituir de maneira rasa a obra literária original, torna-se, também, uma aliada nas difíceis situações em sala de aula, na qual por muitas vezes professor e aluno não conseguem convergir as informações que estão presentes em um clássico da literatura quando se é apresentado de maneira integral para o aluno. As adaptações, nessa situação, se aliam ao trabalho do professor em sala de aula no sentido de fazer com que o aluno entenda sobre o que a obra se trata e, por muitas vezes, até mesmo entender o contexto literário pelo qual a obra em questão se baseia. Assim, as adaptações fazem com que o aluno consiga se sentir como uma peça fundamental e indispensável em sala de aula quando o assunto é literatura.

O compromisso de prover aos alunos meios necessários para que não apenas assimilem o saber como resultado, mas aprendam o processo de sua produção, bem como as tendências de sua transformação. A escola tem o papel de informar, mostrar, desnudar, ensinar regras, não apenas para que sejam seguidas, mas principalmente para que possam ser modificadas (DCE, 2008, p. 28).

As adaptações literárias beneficiam os alunos quando não há maturidade o suficiente para o completo entendimento de uma obra clássica na sua forma integral. Adaptar, nesse sentido, significa tornar acessível uma gama de novos saberes e despertar o interesse pela leitura em alunos mais jovens. O que deve ser ressaltado, no entanto, é saber trabalhar o desenvolvimento dos alunos como leitores e acompanhar o processo de crescimento de suas leituras, oferecendo

livros cada vez menos adaptados, e cada vez mais perto da obra original. Assim, as adaptações podem servir de estímulo para que os alunos tenham um prévio conhecimento da obra e que por si só busquem aprofundar mais seus conhecimentos em cima da obra lida. Segundo João Luís Ceccantini (1997, p. 06), a cada adaptação bem realizada, independente do seu formato, nas várias linguagens, é grande o número de leitores que se volta para os textos que a precederam.

Então, adaptações são indispensáveis para o processo de aprendizado da leitura dos alunos na sua fase escolar. Mas, embora indispensáveis, as boas adaptações de clássicos da literatura não podem ser o “limite” de leitura do aluno. Para que se obtenha o entendimento das obras integrais, é necessária uma maturidade que o aluno inicialmente não tem. Daí a importância das adaptações. Ana Maria Machado, e em uma entrevista concedida a Mário Feijó Borges Monteiro (2005, p.01) também aceita as adaptações dos clássicos, especialmente para o público juvenil; a escritora vê nas adaptações uma forma de aguçar a curiosidade do aluno, funcionando, segundo suas palavras, como um “trailer” original.

Portanto, a leitura de adaptações de clássicos da literatura é indispensável para o processo de formação de leitura do aluno, mas, evidentemente, não substitui a leitura da obra em sua forma original.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho evidenciou-se a importância da leitura das adaptações de clássicos literários brasileiros como um meio de apresentar ao aluno uma leitura prévia da obra original, constatou-se que as adaptações são apenas uma maneira de inserir o aluno no mundo literário de acordo com sua maturidade, permitindo assim, um maior entendimento da obra adaptada lida.

Concluímos que as adaptações literárias, por se tratar de um assunto novo, têm um longo caminho de discussões, já que, não se tem uma verdade absoluta sobre a importância das adaptações e o seu auxílio na inserção dos alunos no mundo literário.

REFERÊNCIAS

ADAPTAÇÃO. In: HOUAISS, Antônio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CALVINO, 1. (Tradução Nilson Moulin). **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia de Letras, 1999.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A Adaptação Literária para Crianças e Jovens: Robinson Crusó no Brasil**. Porto Alegre: PUCRS, 2006, p. 539.

CASTRO, Maria da Conceição. **Língua e Literatura**. São Paulo: Saraiva, 1993.

CECCANTINI, João Luis C. T. A adaptação dos clássicos. In: CECCANTINI, João Luis C. T. (org.). **Proleitura**. Assis (SP): Unesp, Departamento de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, ano 4, n. 13, abril de 1997

DCE, **Leitura: ensino e pesquisa. 3. ed.** - Campinas: Pontes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade. 6. Ed. Paz e Terra**, 1982.

MONTEIRO, Mário Feijó Borges. **Adaptação de clássicos literários brasileiros: paráfrases para o jovem leitor**. Dissertação (Mestrado em Literatura) R.J.: PUC, Departamento de Letras, 2002.